

## Bullying no ambiente escolar

Leila Natalina de Gouvea<sup>1</sup>  
Alessandro Garcia Paulino<sup>2</sup>

### Resumo

O bullying é um fenômeno antigo e muito comum nas escolas onde, alunos movidos pela disputa por liderança, pelo preconceito, pelo poder sobre o mais fraco, para se sobressaírem no seu grupo social, perseguem e intimidam outros alunos sem causa aparente. A tendência é de que o escolhido tenha características inferiores relacionadas ao agressor. É um tema de grande importância na atualidade e têm sido alvo de diversos debates, pois é comum encontrar crianças e adolescentes que tenham de alguma maneira, passado por esse tipo de violência. Este tema tem tido um lugar de destaque na mídia, nas pesquisas acadêmicas e no meio escolar. Nessas ocasiões busca-se elucidar o fenômeno, suas causas e consequências. Assim sendo, torna-se necessária a compreensão do termo bullying, discutir situações em que este tipo de violência ocorre, na tentativa de reduzir sua frequência no ambiente escolar, bem como, apresentar legislações vigentes sobre essa prática e fazer uma análise do papel da escola e da família. Essa pesquisa se justifica por ser o bullying um problema mundial e crescente que se manifesta por meio de “brincadeiras” maldosas que visam intimidar e denegrir a imagem do outro. Esta prática está se alastrando cada dia mais no ambiente escolar, tendo como princípio o desrespeito e o preconceito pelo próximo, trazendo como consequência uma extrema dificuldade na aprendizagem do aluno, além de sérios problemas psicológicos e até mesmo físicos. Sendo assim este trabalho visa alertar escola, família e sociedade sobre o fenômeno para que juntos possam combater essa prática que se tornou comum em lugares onde a interação social faz parte do crescimento pessoal, sendo uma delas a escola.

**Palavras-chave: Violência. Escola. Família**

### 1) Introdução

São vários os tipos de violência que ocorrem no âmbito escolar, dentre eles, o bullying, no qual se tornou um grande problema na atualidade e que familiares, educadores e toda sociedade precisam enfrentar e buscar soluções.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

<sup>2</sup> Graduado em Pedagogia (Uninter) e em Química (Licenciatura - UFLA), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (PPGE/UFLA) e Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/CAPES). Atua como Professor substituto na área de Tecnologia Educacional e Educação a Distância DED/UFLA, e como Professor colaborador no curso de Pedagogia da FAGAMMON.

O termo bullying tem se tornado bastante conhecido no Brasil com o crescente número de casos em nossas escolas e sociedade. A perspectiva do Bullying pode ser entendida como atitudes que intimidam e agridem pessoas tanto verbal quanto fisicamente e que traz graves consequências às vítimas.

Ainda sobre a temática do trabalho, a palavra bullying é usada para “designar formas de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.” (FANTE, 2005, pág. 29).

Em fato mais recente de violência no ambiente escolar no Brasil, no dia 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no município de Suzano, no estado de São Paulo, a dupla de atiradores Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro, ambos ex-alunos da referida escola, mataram cinco estudantes, a coordenadora e a inspetora da escola, e o dono de uma loja de carros usados, tio de um dos atiradores. Ao final do ataque Guilherme assassinou o companheiro, Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, e suicidou. O fato foi noticiado pela Revista Veja (2019) e em várias mídias nacionais e internacionais.

A mãe de Guilherme Tauci Monteiro de 17 anos, um dos atiradores revelou que ele era vítima de bullying e por isso deixou de frequentar a escola. Ainda de acordo com a reportagem da Revista Veja: Atiradores matam alunos e funcionários em escola de Suzano, publicada em 13 de Março de 2019, Guilherme era filho de pais dependentes químicos e morava com os avós e duas irmãs. Reforçando a ideia de que, em algumas situações, crianças que crescem em ambientes hostis, carentes de afeto e atenção são propensas a serem adolescentes ou adultos agressivos.

O bullying é considerado um fenômeno novo e pela frequência que vem acontecendo tem despertado a atenção da sociedade para as trágicas consequências físicas e psicológicas que causa nas vítimas, e antigo por se tratar de uma violência que sempre existiu no âmbito escolar, onde os mais fortes se sobressaem sobre os mais fracos hostilizando e ameaçando as vítimas.

Grande parte das vítimas não reagem ou falam sobre a agressão sofrida, por isso entende-se a razão que professores e familiares terem pouca percepção, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações.

Diante do exposto tecemos o seguinte problema de pesquisa: como lidar com o bullying e a violência no ambiente escolar? Esse questionamento nos move no sentido de identificar contribuições teóricas que possam dialogar ou propor caminhos possíveis de atenuar os processos de violência praticados dentro do âmbito escolar e para além dele.

Essa pesquisa tem como objetivo levantar questões que possam contribuir para uma reflexão sobre o fenômeno e suas implicações nas práticas pedagógicas das escolas. Como justificativa, enquanto estudante do Ensino Fundamental fui exposta ao bullying o que provocou uma perda considerável em minha vida social e principalmente acadêmica, assim, acreditava ser fato isolado, hoje atuando no ambiente escolar e pesquisando sobre o tema descobri que é muito comum essa prática nas escolas.

Sendo assim a proposta desse trabalho é agregar conhecimentos e teorizações ao tema bullying no intuito de contribuir para que gestores, professores, funcionários, família e comunidade em geral compreendam melhor o assunto, reflitam sobre a violência escolar ressaltando a importância da identificação precoce de qualquer ato violento para que possam inibir a incidência do problema e suas desastrosas consequências a curto e longo prazo.

## 2) Metodologia:

Este trabalho está ancorado na pesquisa bibliográfica, ou seja, com base em material já elaborado como livros e artigos científicos. A investigação foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, tal como a classifica Gil (2002, p. 44):

A pesquisa bibliográfica é a desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Possui um viés qualitativo onde atua com um grau de realidade que não se mede, trata de demandas muito particulares não podendo ser quantificado. Nesse sentido, trabalha com o mundo de significados, fundamentos, anseios, ideias, crenças e comportamentos.

Como a maioria das pesquisas sobre o fenômeno bullying foram feitas pelo modo quantitativo, essa pesquisa traz a perspectiva qualitativa onde busca-se elaborar um estudo sobre os documentos, que nesse caso integra principalmente artigos e livros pesquisados em domínio público. De acordo com Minayo (2001):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 21).

Na busca desses documentos, foi efetuada uma pesquisa de artigos na base de dados da *ScieLO* com as seguintes palavras-chave: violência e bullying no ambiente escolar. A resposta trouxe vários artigos e autores abordando o tema, suas características, definições e importância.

Com base no material coletado e analisado, possibilitou-se a divisão da pesquisa em seis tópicos. Usei também como fonte de pesquisa os Livros de Cleo Fante escritora e pesquisadora sobre a violência nas escolas desde 2000 com foco no bullying.

Para entender sobre Violência e Escola, a procura foi por autores e pesquisadores que desenvolveram seus trabalhos abordando a violência nas escolas de forma ampla, os fatos, como eles acontecem e quais os lugares no âmbito escolar que eles ocorrem com mais frequência.

### **3) Referencial Teórico**

#### **3.1) Violência e escola:**

Os diferentes tipos de violência que acontecem no ambiente escolar, prejudicam as crianças, os jovens e até mesmo o corpo docente, impossibilitando a escola de desenvolver as práticas pedagógicas inerentes à sua principal função que é ensinar.

A escola é um local de convivência diária, um espaço dinâmico, que possibilita a criação de laços de amizade, socialização, interação, mas também é um local onde possuem regras e horários a serem cumpridos, portanto é comum alguns atritos dificultando a sociabilidade.

De acordo com Abramovay (2016), as agressões verbais, especialmente os xingamentos, consideradas micro violências, desrespeito, ofensas, modos grosseiros de se expressar e discussões, ocorrem muitas vezes por motivos banais ou ligados ao cotidiano da escola. Pequenas violências podem passar despercebidas e são muitas vezes consideradas normais por todos, porém possuem um impacto importante na criação de um ambiente hostil.

As micro violências são cada vez mais comuns nas escolas e conseqüentemente se torna uma porta aberta para produzir casos graves de bullying. Pequenos ataques de raiva passam despercebidos e são considerados normais pela equipe escolar, no entanto, contribuem para a um ambiente adverso.

O Programa Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens, uma parceria da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), o Ministério da Educação e a Organização dos Estados Interamericanos (OEI), coordenado por Abramovay (2016) aborda a violência nas escolas de forma ampla e traz a participação dos jovens como pesquisadores. Nesse sentido, mais que acusar o outro como agressor e se queixar, deixam de ser vítimas e

passam a ser vigilantes contra a prática do bullying, colaborando para um clima amigável nas escolas.

Ainda de acordo com o Programa, os alunos que se sentem agredidos devem denunciar, propor debates e ações permanentes e que fiquem alertas contra qualquer tipo de violência. Este mesmo estudo revela que a violência verbal ou física atingiu 42% dos alunos da rede pública. Sendo considerados violência não só os ataques físicos, mas também os preconceitos e as ameaças, práticas facilitadoras para um ambiente adverso.

Tradicionalmente o ambiente escolar é o lugar de socialização, de fazer amigos, de aprendizado, onde as crianças desenvolvem suas potencialidades, mas é também um ambiente onde estão expostas as mais diversas situações e experiências que podem resultar em conflitos, sendo assim, a avaliação dos estudantes, por sua conduta em relação às notas e desempenho nas tarefas não é o bastante.

Observar e acompanhar as capacidades e dificuldades que os alunos possam ter em sua convivência com os colegas, passa a ser ação da família e da escola, responsáveis pela educação, saúde e segurança de seus filhos e alunos.

Lopes Neto, afirma que:

[...] não se pode admitir que [os alunos] sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se caleem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos (LOPES NETO, 2005, p. 165).

Sendo assim, a violência no ambiente escolar deve ser uma preocupação de todos os membros da comunidade, pois a escola deve ser um espaço ameno, de boa convivência, de paz e proteção aos estudantes.

### **3.2) Bullying**

Palavra de origem inglesa, sem tradução exata para o português, é praticado por um aluno ou grupo contra outro com a intenção de ferir e magoar sem motivo aparente. As agressões ocorrem de forma intencional, disfarçadas de brincadeiras e zombarias dificultando sua identificação.

Os locais de maior incidência são: as salas de aulas, corredores, pátios, espaços para Educação Física e na saída da escola. Considerado um fenômeno, por sua incidência, abrangência e malefícios, o bullying é um tipo de violência praticado principalmente nas escolas, de maneira sutil, onde em algumas circunstâncias, passa despercebido pelos professores,

profissionais da educação e família causando muita dor e sofrimento às vítimas. De difícil diagnóstico, o bullying ocorre sempre longe dos adultos, e as vítimas são coagidas a ficarem caladas, por medo de represálias.

Em seu livro Fenômeno Bullying, como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz, Fante (2005, pg. 29) define o Bullying como uma “palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão, termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais”.

O bullying é uma violência que ocorre em todos os âmbitos da sociedade, mas é na escola que acontece com maior frequência, talvez pelo longo tempo que os alunos passam juntos fazendo atividades nem sempre prazerosas a todos, o que pode gerar conflitos.

Olsen (2016) caracteriza os atos agressivos e persistentes contra uma mesma pessoa como bullying, citando Fonseca e Veiga (2007, p. 504):

Forma de violência que se expressa por meio de diversos modos de ação ou comportamentos, podendo ser descrito como abuso de poder sistemático, consistindo em ações realizadas de forma persistente e repetidas, com o intuito de intimidar ou magoar outras pessoas.

Zequinão et al. (2016, p. 183), diferenciam o bullying de outras agressões citando outros autores, nos menciona que:

[...] o fenômeno bullying se diferencia de outras agressões pela persistência e intencionalidade e possui três aspectos marcantes no que diz respeito a sua caracterização: o ato agressivo não resulta de uma provocação; não é ocasional; e é relevante a desigualdade de poder entre alunos agressores e vítimas.

Nesse mesmo artigo, Zequinão et al. (2016), destaca as contribuições de Rocha, Costa e Neto (2013) que, para ser considerado Bullying, a agressão deve ocorrer entre pares, e que, apesar do fenômeno ser caracterizado como uma agressão, nem toda agressão é classificada como bullying.

Para ser diagnosticado como bullying, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: 1) Intenção do autor em ferir o alvo; 2) repetição da agressão; 3) Presença de público expectador e 4) concordância do alvo em relação a ofensa.

Silva (2015), colabora para o entendimento da definição de bullying como todos os atos de violência física ou moral que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas.

Sempre com o objetivo de ferir e magoar as vítimas, o bullying pode ocorrer de algumas maneiras como agressões físicas diretas, ataques abertos individuais ou em grupo contra uma

única pessoa através de tapas, empurrões, pontapés, cuspes, roubos, estragos de objetos ou pela agressão verbal direta envolvendo xingamentos, provocações, insultos em público, apelidos maldosos, comentários racistas ofensivos e humilhantes.

A agressão indireta se dá pelo isolamento e exclusão social, espalhar boatos maldosos contra a vítima, impedir a aproximação da vítima em grupos de amigos na escola. Esse último, muitas vezes usam o Cyberbullying, um tipo de bullying muito comum nas Redes Sociais e que também envolve os alunos.

### **3.3) Bullying, escola e família:**

Segundo Silva (2015), o bullying ocorre em todas as escolas, independentemente de sua tradição, de sua localização ou do poder aquisitivo de seus alunos. Pode-se afirmar que está presente, de forma democrática, em 100% das escolas, públicas ou particulares, em todo o mundo.

De acordo com Pinto et al. (2018), a Pesquisa Nacional de Saúde do Estudante de 2009, 2012 e 2015, revelaram que a maioria dos alunos participantes não entendiam o motivo pelo qual foram alvo do Bullying. Em seus relatos esse tipo de prática está relacionado com a imagem, as etnias, a classe social e alunos cujas mães são semianalfabetas, reforçando o preconceito, a estigmatização e os estereótipos, como base para este tipo de perseguição dentro da escola.

Zequinão et al. (2016) mencionam que os diversos tipos de bullying podem ocorrer dentro de todo o âmbito escolar e suas imediações, principalmente nos espaços e tempos livres dos alunos.

As vitimizações ocorrem principalmente nas salas de aulas, provavelmente pelo tempo em que os alunos permanecem neste ambiente, nas aulas de Educação Física, nos recreios e na saída da escola. Essa prática provoca consequências trágicas, físicas e psicológicas no desenvolvimento global das vítimas. De acordo com Fante (2005, p.10):

[...] o bullying interfere no processo de aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo, sensorial e emocional. Favorece um clima escolar de medo e insegurança, tanto para aqueles que são alvos como para os que assistem calados às mais variadas formas de ataques. O baixo nível de aproveitamento, a dificuldade de integração social, o desenvolvimento ou agravamento das síndromes de aprendizagem, os altos índices de reprovação e evasão escolar têm o bullying como uma de suas causas.

A fragilidade do indivíduo, associada ao ambiente externo, as pressões psicológicas e as exposições de estresse prolongado, podem causar sérios prejuízos que estavam até então

esquecidos. Nesse sentido torna-se fundamental uma atenção consciente sobre o fato de que o bullying é uma prática detestável nas relações entre pares, e leva o aluno a desenvolver conflitos emocionais e psicológicos.

Segundo Albuquerque; Williams e D'Affonseca (2013, p. 93), apoiados em outros autores nos mencionam que com relação aos conflitos emocionais são listados na literatura como: “problemas ou dificuldades sentimentais, medo, solidão e rebaixamento da autoestima”. Já para os aspectos psicológicos “tem-se observado presença de ansiedade, depressão, ideação suicida ou tentativas de suicídio”.

O bullying é um tipo de violência que acontece em todas as escolas, sejam elas públicas ou particulares, de bairros nobres ou periferia, de difícil diagnóstico por ser muito sutil e praticada sempre longe dos adultos.

Algumas escolas nem admitem a existência do bullying, e nem tem consciência das graves consequências advindas desses atos cruéis e intimidadores. Por ser confundido como indisciplina, brincadeiras próprias da idade, ou ainda por agressões corriqueiras, mostra o completo desconhecimento do fenômeno cada vez mais comum no cotidiano escolar.

Sem causa aparente, passa muitas vezes despercebido pelos professores e familiares, por isso, a violência na escola não pode ser considerada um fenômeno isolado, mas parte de um processo mais amplo, que abrange uma série de fatores que envolve o contexto social e vai muito além do ambiente escolar.

Silva (2015), cita Dan Olweus (1993), psicólogo norueguês e importante pesquisador sobre o bullying no âmbito escolar, quando diz que pais e professores devem ficar atentos ao comportamento das crianças e adolescentes considerando os possíveis papéis que eles possam desempenhar em uma situação de bullying escolar, uma vez que a vítima dificilmente revela a violência sofrida, seja por vergonha, descrer nas atitudes de apoio da escola ou por receio de críticas.

Normalmente, elas apresentam maior dificuldade para se expressarem ou se abrirem em casa ou na escola com medo de piorar a situação, quando as chantagens costumam fazer parte das agressões, também contribuem para o silêncio.

Os casos de bullying são graves porque começam silenciosamente, e por isso, quem sofre a agressão não conta nem na escola nem na família, mas começa a mudar o comportamento. Queda no rendimento escolar, faltas na escola, dores de cabeça, dores de barriga ao chegar o horário de ir para a escola, são sinais frequentes apresentados por quem sofre esse tipo de violência. Por isso, família e escola devem estar sempre atentas para os sinais que são apresentados pelos jovens.

Lopes Neto (2005), aponta algumas condições familiares adversas que parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças, como, por exemplo, a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, permissividade, a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais e fatores individuais como hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldade de atenção e baixa inteligência.

Fante (2005, p. 61), nos menciona que:

[...] os comportamentos agressivos segundo especialistas provêm de carência afetiva, ausência de limites e ao modo de afirmação dos pais sobre os filhos por meio de práticas educativas que incluem maus-tratos físicos e exposições emocionais violentas.

Em contrapartida um clima familiar ameno, onde os familiares compartilham ideias, participam das tarefas escolares, supervisionam, estabelecem regras, aceitam as diferenças, as dificuldades dos filhos, pode vir gerar um clima de confiança e proteção, fortalecendo-os a desenvolverem mecanismos de enfrentamento para lidar com o processo de vitimização. Esse clima diminui consideravelmente o envolvimento desses alunos com a prática do bullying escolar.

O Bullying tende a desaparecer em ambientes onde há clima afetivo e de confiança entre as pessoas, sendo assim, a escola e a família são responsáveis na formação deste ambiente, mais uma vez, destaca-se a importância da parceria escola e família para juntas trabalharem na construção da afetividade e proteção dos alunos.

Oliveira et al. (2015), ressaltam que experiências positivas com pais que eram menos autoritários e em situações de menor abuso doméstico, bem como supervisão parental, maior envolvimento entre familiares e filhos são considerados fatores protetivos em relação ao bullying.

Fernandes (2017), salientam que o vínculo entre pais e seus filhos, ajuda a criança a desenvolver a capacidade de enfrentar situações difíceis, a lidar com as frustrações, a manter limites saudáveis, constrói a autoestima e a confiança.

É por meio de vínculos saudáveis com cuidadores adultos que as crianças desenvolvem empatia (ou seja, a capacidade de sentir o que outros podem sentir em situação semelhante). As sementes de cuidado, preocupação e vínculo que germinam e florescem mais tarde, tornando as de outros, são semeadas nos primeiros anos de vida (MIDDELTON-MOZ; ZAWADSKI, 2007 apud FERNANDES, 2017, p. 60).

Esse contato e atenção será o alicerce para a construção do elo e da empatia, estabelecendo e equilibrando as emoções e a capacidade de aprender, servindo como apoio sobre todos os outros relacionamentos serão formados.

### **3.5) Perfil dos Protagonistas**

#### **3.5.1) Vítimas**

As vítimas em geral, são do grupo de alunos mais novos, tem dificuldades de fazer amigos, introvertidos, autoestima baixa, não gostam de ser o centro das atenções e não conseguem reagir as provocações e agressões dirigidas a eles.

Desde a orientação sexual, cor, raça, credo, etnia, condição socioeconômica até os deficientes físicos, os gordos ou magros demais, baixos ou altos, ou seja, qualquer diferença que fuja do padrão imposto pela sociedade, estão propensos a serem vítimas do bullying. É muito comum nas escolas a menina que é chamada de “baleia”, o menino de “quatro olhos”, outras são chamadas de “Olívia palito”, são apelidos pejorativos que minam a autoestima dos estudantes.

Esse ambiente prejudica o rendimento escolar, as faltas passam a ser mais frequentes, as vítimas passam a ser depressivas, apáticas e, em casos mais graves acontece a evasão escolar.

Por não conseguirem esconder suas “diferenças”, ou seja, baixa autoestima, insegurança, sentimento de inferioridade, angustia, dificuldades de se expressarem e de se fazerem respeitar, se tornam alvos fáceis para a prática do bullying. A nível de exemplo, segue um depoimento de uma vítima durante pesquisa feita por Fante (2005, p. 32):

Humberto, 16 anos, sentiu na pele o que é o terror na escola. Foi apelidado de Bob Esponja e Bom Bril, por causa dos seus cabelos crespos e do seu jeito calado e tímido. Aos poucos foi se sentindo rejeitado e isolou-se da turma. Disse que, quanto mais os colegas caçoavam dele, mais se isolava e sofria. Expressou angústia dizendo que gostaria de desaparecer e nunca mais ouvir falar em escola.

Alunos como Humberto estão por aí nas escolas passando pelas mesmas situações e constrangimentos que afetam não só a vida acadêmica, mas a vida familiar e social, acarretando perdas irreparáveis nas suas convivências. Muitos desses alunos, os casos mais graves, passam a vida toda em acompanhamento médico e psicológico tendo o bullying como desencadeador de todo processo.

Fernandes (2017) apoiados em Middleton; Zawadski (2007) afirmam que:

Ser alvo de bullying provoca sentimentos intensos de medo e vergonha, aumenta a vulnerabilidade, baixa a autoestima e leva à ansiedade, à depressão e a sensações de impotência que costumam aumentar a vitimização. Infelizmente, as vítimas se culpam pelo comportamento do bully e, muitas vezes, outros também culpam a vítima (MIDDELTON-MOZ; ZAWADKI, 2007, p. 19).

Esses fatores, reforçam a ideia de que o estigma das crianças vítimas de bullying, mobiliza ações hostis, pois suas características são socialmente marcadas como negativas ou inferiores e, por isso, elas mereciam ser alvos de crueldades.

Segundo Silva (2015) apoiada nos estudos de Olweus (1993) mencionado que as crianças apresentam comportamentos peculiares de quem está sendo vítima de bullying na escola. Segundo Silva (2015, p. 33) o comportamento das vítimas no ambiente escolar, que merecem ser investigados para identificar as possíveis vítimas de bullying são:

No recreio, encontram-se frequentemente isoladas do grupo ou perto de algum adulto que possa protegê-las: professor, inspetor, cantineiro etc. Na sala de aula, apresentam postura retraída. Têm extrema dificuldade de perguntar algo ao professor ou de emitir sua opinião para os demais alunos. Deixam explícitas suas inseguranças e suas ansiedades. Apresentam faltas frequentes às aulas, com o intuito de fugir das situações de exposição, humilhações e/ou agressões psicológicas e físicas. Mostram-se comumente tristes, deprimidas ou aflitas. Nos jogos ou nas atividades em grupo, sempre são as últimas a serem escolhidas. Aos poucos vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares (isso inclui perdas constantes de seus pertences, especialmente materiais didáticos). Ocasionalmente, nos casos mais dramáticos, apresentam hematomas (contusões), arranhões, cortes, ferimentos, roupas danificadas ou rasgadas.

Comportamento das vítimas em casa segundo Silva (2015, p. 34):

Frequentemente se queixam de dor de cabeça, enjoo, dor de estômago, tonturas, vômitos, perda de apetite, insônia. Todos esses sintomas tendem a ser mais intensos no período que antecede o horário de as vítimas entrarem na escola. Mudanças frequentes e intensas de estado de humor. Podem também apresentar explosões repentinas de irritação ou raiva. Geralmente não têm amigos ou estes são bem poucos e preferem não frequentar sua casa ou compartilhar outras atividades livres. Tornam-se descuidadas com tudo o que se relaciona os afazeres da escola.

### **3.5.2) Agressores**

Os bullies, como são chamados os agressores, são espertos o bastante para escolher suas vítimas, eles percebem que elas se encontram fragilizadas, e possuem peculiaridades diferentes do grupo.

A falta de limites, pobre envolvimento afetivo com os familiares, desarmonia nos lares, a falta de um dos pais ou ambos, são fatores que possibilitam as crianças se tornarem agressivas. Normalmente são mais velhos, são repetentes, estudam na mesma sala que a vítima, praticam exercício físico para melhorar a imagem corporal, são mais extrovertidos e não apresentam sentir medo.

Os bullies por vezes são hiperativos, desatentos, tem dificuldades de aprendizagem, ou seja, baixo desempenho escolar. São particularmente populares e veem sua agressividade como ponto forte da sua personalidade, essa construída como escudo para esconder suas fraquezas.

Apoiada em autores a autora Oliveira e Gomes (2011) citam Moz e Zawadsk (2007, p. 128):

Os bullies não nascem, são formados. Não são crianças más, e sim crianças tristes devido a fatores familiares, emocionais e traumas do passado. Pode-se observar nas escolas, no contato com estas crianças e adolescentes, que todos têm uma história familiar de violência, abandono e/ou rejeição. Eles também carecem de carinho e atenção e profissionais preparados para ajuda-lo lidar com a agressividade e evitar que se tornem delinquentes na idade adulta. Eles também são sofrendores, são tristes e usam a agressividade como forma de proteção. Eles não nascem assim, se tornam assim de acordo com o meio em que estão inseridos.

Ainda de acordo com Oliveira (2012, p.11), apoiada em Moz e Zavascki (2007, p.128):

Os bullies vivem com medo e ansiedade, sentindo-se inseguros inadequados e solitários. Carecem da capacidade de interagir com os outros de forma honesta, madura e saudável. Quanto mais vulneráveis se sentem, mas percebem a necessidade de estar no controle. A percepção de seu próprio comportamento e do de outras pessoas é distorcida, o que aumenta sua necessidade de se defender. Eles têm respostas emocionais inadequadas, que foram aprendidas por meio de experiências sofridas na infância ou como resultado de longa vitimização na idade adulta.

Nesse contexto, usam a agressividade para se sobressair sobre os mais frágeis sentindo a necessidade de estarem sempre no controle da situação.

Comportamento dos agressores no ambiente escolar, que segundo Silva (2015, p. 34) merecem ser investigados para identificar os possíveis praticantes de bullying:

Começam com brincadeiras de mau gosto, que rapidamente evoluem para gozações, risos provocativos, hostis e desdenhosos. Colocam apelidos pejorativos e humilhantes, com explícito propósito maldoso. Insultam, difamam, ameaçam, constroem e menosprezam alguns alunos. Fazem ameaças diretas ou indiretas, dão ordens, dominam e subjagam seus pares. Perturbam e intimidam, utilizando-se de empurrões, socos, pontapés, tapas, beliscões, puxadas de cabelos ou de roupas. Estão sempre se envolvendo, de

forma direta ou velada, em desentendimentos e discussões entre alunos ou entre alunos e professores. Apresentam comportamento de desrespeito a figuras de autoridade (professores, supervisores e diretores) e a regras estabelecidas. Pegam materiais escolares, dinheiro, lanches e quaisquer pertences de outros estudantes, sem consentimento ou até mesmo sob coação.

#### Comportamento dos agressores em casa:

Apresentam, habitualmente, atitudes hostis, desafiadoras e agressivas com relação aos pais, irmãos e empregados. Chegam a usar a tática de aterrorizá-los para mostrar “autoridade sobre eles”. Não respeitam hierarquias, como a diferença de idade ou de força física entre seus familiares. Mostram-se bastante hábeis em manipular as pessoas para se safar das confusões em que se envolvem. Mentem sem nenhum constrangimento e de forma convincente quando questionados sobre suas atitudes hostis. Muitos adotam maneiras arrogantes de se vestir e se portar, o que lhes confere superioridade perante familiares e colegas. Também é bastante comum voltarem para casa com as roupas amarrotadas, o que demonstra envolvimento em brigas ou confrontos físicos. Aparecem com objetos que não possuíam ou dinheiro extra, sem dar nenhuma justificativa plausível para sua origem. Muitos bullies se portam em casa como se nada de errado estivesse acontecendo, além de contestarem todas as observações negativas que os pais recebem por parte da escola, dos irmãos ou dos empregados domésticos (SILVA, 2015, p. 35).

### 3.6) Documentos Oficiais e Normativos

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (1989), são documentos em que estão previstos os direitos ao respeito e à dignidade, sendo a educação entendida como um meio de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania, conforme descreve o artigo 5º da Constituição Federal de 1988 que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988, spp.)”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2007), o professor e a escola devem atuar como mediadores entre o sujeito – o aluno – e o objeto linguístico e discursivo com o qual o aluno opera ao participar das práticas sociais mediadas pela linguagem, reforçando que a escola deve alimentar uma “Cultura de Paz” baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e na noção de cidadania.

O documento salienta ainda a importância de se refletir sobre os significados culturais das palavras, de seu papel de representação e regulação do pensamento e de seu poder de influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais.

Essa preocupação com as relações no ambiente escolar vai ao encontro do que preconizam os diversos documentos que norteiam a Educação no Brasil, visando um ensino humanizado no qual se faz necessário uma preocupação com o desenvolvimento de atitudes e valores em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

O documento reúne diretrizes elaboradas pelo Governo Federal a partir das quais o sistema educacional brasileiro deve se organizar para que a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseado nos princípios democráticos.

Documento este que propõem incorporar ao currículo os Temas Transversais aqui direcionados ao Ensino Fundamental, etapa onde se encontra a maior incidência de bullying, questões sobre Ética, da Pluralidade cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual, do Trabalho, do Consumo e que durante esse processo os alunos sejam capazes de:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo o mesmo respeito.
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, sp).

Sendo assim, os Temas Transversais e os Projetos Interdisciplinares são fortes aliados na construção e preparação dos alunos para a cidadania.

Por meio da Lei n. 13.277 foi instituído o Dia Nacional de Combate ao bullying e à Violência nas Escolas, relacionada à tragédia que ocorreu em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, e matou 11 crianças.

Esta lei tem como objetivo inibir os atos de violência no ambiente escolar, instituindo, por meio desta, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, mais conhecido como bullying. A exemplo disso é a proposição de alguns projetos de lei no Senado Federal que dão ênfase ao tratamento deste tipo de violência.

Silva e Rosa (2013) destacam em seu artigo O Projeto de Lei nº 228/2010, em tramitação no Senado Federal, versa sobre a inclusão na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9.394/96) de dispositivos que assegurem a adoção de medidas de prevenção e combate a atos de intimidação e agressão nas escolas.

As autoras supracitadas ainda discorrem sobre Projetos que tramitam na Câmara dos Deputados que estabelecem ações com vista o enfrentamento ao bullying, entre os quais se destaca o de nº 6.935/2010, que criminaliza tal prática. São propostas que dependem de boa vontade de pessoas que tem o poder de, se não resolver o problema, pelo menos tentam.

Em Pernambuco, foi aprovada a Lei n.º 13.995, de 22 de dezembro de 2009, que dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de Educação Básica.

Em um passado não muito distante, valores como ética, respeito, amor ao próximo, empatia eram função da família, a escola tinha como finalidade desenvolver nos alunos os processos de ensino-aprendizagem e prepará-los para serem cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, críticos e participantes na sociedade como um todo. Na atualidade com os novos contornos sociais, a escola passa também a ser uma extensão da família preconizando o ensinar para a vida, para o respeito e para a equidade.

Trabalhar esses valores com os alunos se demonstram importantes para a construção da cidadania exigindo, dessa forma, dos profissionais da educação maior preparação e formação para enfrentar situações de violência em todo âmbito escolar.

De acordo com Ivana de Siqueira, Secretária de Formação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi):

O MEC tem atuado na formação de professores para que eles saibam trabalhar com a cultura da paz, o respeito à diferença e à diversidade dentro das escolas, e a evitar essas situações de forma que nem as crianças vítimas ou agressoras possam ser afetadas (MEC, 2018, sp).

Nesse sentido o MEC, apoia projetos de formação continuada para profissionais da educação (docentes e gestores) por meio do Pacto Universitário de Educação em Direitos Humanos. O Pacto é uma iniciativa conjunta do MEC e do Ministério da Justiça e Cidadania para a promoção da educação em direitos humanos no ensino superior.

Aberto à adesão das instituições de educação superior e de entidades apoiadoras, o objetivo do Pacto é superar a violência, o preconceito e a discriminação, e promover atividades educativas de promoção e defesa dos direitos humanos nas instituições.

Alguns Projetos que integram o Pacto são:

Aprendendo a Conviver: estratégias para o enfrentamento da violência nas escolas, desenvolvido pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com apoio do MEC. Esse projeto atende a 370 professores de 114 escolas do estado. O objetivo é capacitar os educadores e

gestores para que reconheçam e adotem estratégias eficazes de prevenção e encaminhamento das situações de bullying.

Ser diferente, Ser Igual, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que vai capacitar 250 profissionais da educação básica de Macaé, Duque de Caxias, Nova Friburgo, Nova Iguaçu e Rio de Janeiro na temática do bullying, violência, preconceito e discriminação nas escolas.

O projeto desenvolve a troca de saberes entre educadores para que reconheçam e adotem estratégias criativas para o encaminhamento das múltiplas formas de violência, preconceito e discriminação no ambiente escolar. A proposta foca o fortalecimento da cidadania de quem vive na área de alcance da escola, no intuito de prevenir e combater o bullying, a violência, o preconceito e a discriminação.

### **Considerações Finais**

Por ser de extrema complexidade o fenômeno bullying precisa ser mais bem investigado para que se compreenda suas diversas formas. Conhecer os protagonistas, os tipos de agressões mais comuns, os lugares onde as práticas acontecem com maior frequência, é de suma importância para que se busquem alternativas para inibir sua incidência no âmbito escolar.

Com o objetivo de discorrer como o bullying acontece nas escolas, os papéis que os alunos desempenham diante desse fenômeno e suas consequências maléficas, principalmente para as vítimas, essa pesquisa buscou na literatura, autores que estudaram sobre o tema afim de esclarecer e chamar a atenção dos profissionais da educação, a sociedade e as famílias para esse tipo de violência que acontece de maneira sutil e muito comum nas escolas.

Durante a pesquisa percebeu-se que tanto meninos como meninas se envolvem em situações de bullying, seja como agressor, vítima ou expectador. A faixa etária compreende crianças e adolescentes independente se a escola é particular ou pública, já que o bullying acontece por diversos motivos, estes, citados no decorrer da pesquisa, como a condição social, as etnias, raça, cor, religião, orientação sexual, entre outros.

Crianças expostas a um ambiente familiar desestruturado, a ausência dos pais, seja por abandono ou por necessidade de prover a família, e a violência doméstica estão propensas a serem violentas o que facilita o envolvimento ao bullying no ambiente escolar. Os agressores também podem ser hiperativos, tendo dificuldade de atenção, baixo rendimento escolar, veem sua agressividade como qualidade podendo ser violentos até mesmo com adultos.

A evasão escolar tem como principal causa o bullying, pois, as vítimas sentem medo, pois são acuadas. Desenvolvem problemas psicológicos como síndrome do pânico, fobia escolar, baixo desempenho escolar, dores de cabeça, em casos mais graves tem tendência ao suicídio.

Apesar desta pesquisa apresentar o fenômeno bullying apenas no ambiente escolar, suas causas e consequências, sabe-se que ele acontece em outras esferas como nas empresas, nas academias, nos clubes, na sociedade, inclusive nas Redes Sociais, este denominado como Cyberbullying, que em conjunto com o bullying escolar potencializa as consequências causando ainda mais desconforto e tristeza em suas vítimas.

Link para acesso à apresentação do TCC:

<https://www.youtube.com/watch?v=DWT8CdPt3jM>

## Referencias

ABRAMOVAY, Miriam et al. Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens. Rio de Janeiro: **FLACSO-Brasil, OEI, MEC**, 2016.

ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; D'AFFONSECA, Sabrina Mazo. Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, p. 91-98, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18. ed., atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 1. ed. Campinas: Verus, 2005.

FERNANDES, Raquel de Medeiros. **Bullying no ambiente escolar**. 2017. 21 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Macau/RN, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Atiradores matam alunos e funcionários em escola em Suzano. **Veja**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/tiroteio-deixa-feridos-em-escola-estadual-de-suzano/>. Acesso em: 4 abr. 2021.

**Lei nº 13.995, de 22 de dezembro de 2009.** Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de Educação Básica do Estado de Pernambuco e dá outras providências. Recife: Palácio do Campo das Princesas. Recuperado: 28 nov. 2011. Disponível: <http://sueydh.blogspot.com/2010/06/bullying-lei-ao-enfrentamentoviolenca.html>

**BRASIL.** Lei n.º 13.277, de 29 de abril de 2016. Institui o dia 7 de abril como o dia nacional de combate ao bullying e à violência na escola. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 02 mai. 2016. Seção 1, p. 1. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13277.htm). Acesso em: 11 jun. 2021.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatria. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p. s164-s172, novembro de 2005.

MEC apoia enfrentamento ao bullying e violência nas escolas. MEC. 2018. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487#footer>. Acesso em: 12 de abr. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

DE OLIVEIRA, Josi Rosa; GOMES, Magda Altafini. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. Educação Por Escrito, v. 2, n. 2, 2011.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. **Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática.** Psico-USF, Itália, v. 20, n. 1, p. 121-132, Apr. 2015.

OLSEN, Bárbara, **O vínculo agressor/vítima em casos de Bullying sob a perspectiva da Psicologia Analítica.** / Bárbara Olsen, - Curitiba, 2016, 73f.

PINTO, Isabella Vitral et al. **Tendências de situações de violência vivenciadas por adolescentes brasileiros: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009, 2012 e 2015.** *Rev. bras. epidemiol.* [Online]. 2018, vol.21, suppl.1, e180014. Epub nov. 29, 2018. ISSN 1980-5497.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S. **Professores sabem o que é bullying? um tema para a formação docente.** *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 17, n. 2 p. 329338, Dec. 2013.

SILVA, Ana Beatriz. **Bullying Mentas perigosas na escola: Bullying Mentas perigosas na escola.** 2. ed. Barueri: Principium, 2015. p. 1-208.

ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Educ. Pesquisa.** São Paulo, v. 42, n. 1, pág. 181-198, março de 2016.